

# Espelhos do Novo Mundo: paisagens brasileiras nos relatos de viagem de Woodes Rogers (1712)

Mirrors of the New World: Brazilian landscapes in the travel accounts of Woodes Rogers (1712)

Fernanda Farias Oliveira<sup>1</sup>  
Tiago Barbosa da Silva<sup>2</sup>  
Ana Júlia Santos Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa as representações das paisagens brasileiras em *A Cruising Voyage Round the World* (1712), de Woodes Rogers, buscando compreender como o relato de viagem que inspirou *Robinson Crusoe* constrói imagens do Brasil. A paisagem é tratada como uma construção socio-histórica, articulada aos saberes geográfico e cultural. A pesquisa, baseada em bibliografia especializada (Vidal de La Blache, Cauquelin, Baldin, Silva et al.), interpreta as descrições de Rogers sob a perspectiva da Geografia Cultural e da Teoria da Paisagem. Discute-se como essas narrativas projetam sentidos políticos e reforçam um imaginário colonialista sobre o Novo Mundo. O Brasil é apresentado como exótico e selvagem, consolidando estereótipos que expressam relações de poder e dominação europeias no século XVIII<sup>4</sup>.

**Palavras-chaves:** Relatos de Viagem. Geografia Cultural. Woodes Rogers. Paisagem. Representações do Brasil.

**Abstract:** This article analyzes the representations of Brazilian landscapes in *A Cruising Voyage Round the World* (1712), by Woodes Rogers, aiming to understand how the travel narrative that inspired *Robinson Crusoe* constructs images of Brazil. Landscape is approached as a socio-historical construction, articulated with geographical and cultural knowledge. Based on specialized bibliography (Vidal de La Blache, Cauquelin, Baldin, Silva et al.), the study interprets Rogers's descriptions through the lenses of Cultural Geography and Landscape Theory. It discusses how these narratives produce political meanings and reinforce a colonial imagination of the New World. Brazil is portrayed as exotic and wild, consolidating stereotypes that express European relations of power and colonial domination in the eighteenth century.

**Keywords:** Travel Narratives. Cultural Geography. Woodes Rogers. Landscape. Representation of Brazil.

<sup>1</sup> Graduanda da UFBA. Bolsista CNPq/PIBIC 2024/2025. Integrante do grupo de pesquisa REBRALLI – Representações do Brasil nas Literaturas de Línguas Inglesas. E-mail: ffarias.oliveira@outlook.com. [ORCID](#)

<sup>2</sup> Professor de Língua e Literaturas de Língua Inglesa no Instituto de Letras da UFBA. Doutor em Letras pela UFPE (2018) com estágio pós-doutoral em Letras pela UFS (2021). Pesquisador vinculado ao REBRALLI, GPERAS e Estudos Coloniais Latino-Americanos. E-mail: tiago.bs@ufba.br. [ORCID](#)

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA. Graduada em Letras, Inglês, pela UFBA (2024). Pesquisadora vinculada ao REBRALLI. E-mail: anajsp@ufba.br. [ORCID](#)

<sup>4</sup> Este artigo resulta do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) O Brasil em *A Cruising Voyage Round the World* (1712), de Woodes Rogers, executado por Fernanda Farias Oliveira, sob orientação do professor Tiago Barbosa da Silva, em parceria com Ana Júlia Santos Pereira.



## Introdução

Embora seja um conceito antigo, a paisagem só foi considerada conhecimento científico no século XIX, quando passou a integrar o saber geográfico. Inicialmente, era vista como representação estética, apreciada por sua beleza e retratada em pinturas, na literatura e outras formas artísticas, sem necessariamente envolver uma análise sistemática de seus elementos físicos e sociais. A partir do século XVIII, no entanto, a paisagem começou a ser vista como um objeto de estudo dentro da Geografia, em parte devido ao trabalho de naturalistas como Alexander Von Humboldt (1759-1859) e Carl Ritter (1779-1859), considerados os fundadores da Geografia enquanto ciência. Humboldt e Ritter abordaram a paisagem como componente central para entender a interação entre o ambiente natural e a atividade humana. Desde então, a paisagem é um conceito sócio-histórico que engloba não apenas as características físicas de um determinado espaço, mas também as percepções, representações e significados atribuídos a esse espaço pelas pessoas que o observam e interagem com ele. Atualmente, ela é compreendida como uma expressão visível das interações entre o ser humano e o meio ambiente. Essa interação se reflete nos elementos que a compõem, abrangendo aspectos físicos, como relevo, vegetação e clima, e aspectos culturais, como construções, modos de vida e significados atribuídos aos elementos espaciais.

Milton Santos (1996) discorre que os elementos da paisagem incluem tanto os aspectos visíveis como cores, formas e movimentos quanto aqueles percebidos por outros sentidos, como sons e cheiros. A paisagem é, nesse sentido, uma construção cultural que reflete valores, vivências e relações de poder, ocupando um papel central nas análises das dinâmicas espaciais, das transformações territoriais e das relações sociais que moldam o mundo contemporâneo.

Sendo assim, no olhar de quem observa uma paisagem, há valores e vivências que transformam a visão em um palimpsesto<sup>5</sup>, um tipo de manuscrito que, após ser apagado e reutilizado, ainda preserva traços dos textos anteriores, transcendendo a mera aparência visual, carregando significados e vivências acumuladas ao longo do tempo. Cada observador, dessa maneira, com sua bagagem cultural, histórica e pessoal, contribui para transformar a percepção da paisagem em uma construção rica e multifacetada em

---

<sup>5</sup> Metáfora que ilustra como as paisagens culturais e sociais são continuamente construídas e transformadas ao longo do tempo.



constante mudança. No nosso estudo, essa compreensão permite interpretar como a paisagem descrita nos relatos de viagem do século XVIII não é neutra, mas carrega significados que reforçam relações de poder e dominação colonial, que podem ser pensadas a partir da Geografia Cultural e da Teoria da Paisagem. Em *A Cruising Voyage Round the World* (1712), objeto desse estudo, Woodes Rogers descreve as paisagens brasileiras sob uma perspectiva europeia, enfatizando sua exotização, bem como seu potencial de exploração. Isso reflete sua visão da paisagem como algo a ser admirado e dominado, antecipando sua construção como símbolo de poder e colonização. Essa perspectiva nos ajuda a contextualizar a análise das descrições de Rogers, não como meras representações isentas, mas também como construções culturais e políticas.

Para abordar as questões propostas, esta pesquisa seguirá um caminho metodológico abrangente e interdisciplinar. Começando por uma revisão bibliográfica sobre a noção de paisagem nas Ciências Humanas, discutiremos obras de teóricos renomados como Paul Vidal de La Blache, Carl Ritter, Augustin Berque e Anne Cauquelin. Em seguida, faremos uma análise documental de um relato de viagem do século XVIII, o diário de Woodes Rogers, *A Cruising Voyage Round the World* (1712). O artigo está organizado a partir de dois eixos principais: (2) os elementos humanos da paisagem, que se debruçam sobre as interações culturais, os sistemas coloniais e os conflitos que moldaram a natureza; e (3) os elementos naturais da paisagem, que abordam a exuberância estética da natureza e o modo como Rogers quantifica e traduz o território em categorias europeias de valor e utilidade. Empregamos a crítica literária para interpretar as narrativas de Rogers, utilizando conceitos de Geografia Cultural e Teoria da Paisagem para compreender suas representações como reflexos das relações de poder e de dominação, integrando Geografia, Literatura e Estudos Culturais, e considerando a influência da arte e das práticas pictóricas na construção do conceito de paisagem. Finalmente, os resultados das análises foram sintetizados e discutidos para avaliar como as representações das paisagens brasileiras nos relatos de Woodes Rogers influenciaram o imaginário europeu, contribuindo para a invenção e estabelecimento do Brasil nesse imaginário. Essas reflexões abordaram a importância dessas representações na compreensão das relações culturais e históricas entre a Europa e o Brasil, permitindo identificar elementos que refletem a visão europeia sobre o território brasileiro.



## Paisagens de encontro e conflito: o humano na obra de Rogers

O geógrafo Paul Vidal de La Blache (1982, p. 89) define a paisagem como “aquilo que o olho abarca com o olhar”. Essa perspectiva associa a paisagem à percepção visual, destacando seu aspecto estético. Porém, a paisagem é um conceito polissêmico, central na Geografia, e adquire sentidos distintos conforme o olhar de geógrafos, historiadores ou arquitetos. Ela pode, inclusive, afetar o humor e a disposição das pessoas, como observa Bolson (2004), ao defini-la como uma experiência subjetiva. Ao longo do tempo, estudiosos passaram a compreendê-la como um produto da cultura e não apenas como uma expressão da natureza, indicando que a paisagem é o resultado da interferência humana na natureza e de sua percepção sensorial.

Na obra *A Cruising Voyage Round the World* (1712), de Woodes Rogers, a paisagem brasileira é representada não como natureza intocada, mas como um território permeado por relações humanas, transformações culturais e disputas coloniais. Rogers partiu da Inglaterra em 1708, fazendo uma parada inicial nas ilhas de Cabo Verde. Em seguida, aportou na costa do Brasil, provavelmente na Bahia, onde a tripulação se reabasteceu. Continuando a expedição, desceu pela costa atlântica da América do Sul até o estreito de Le Maire e o Cabo Horn, por onde entrou no Oceano Pacífico. Ao longo da costa do Pacífico sul-americano, passou por regiões hoje pertencentes ao Chile, Equador e Peru, com destaque para sua incursão na cidade de Guayaquil e posterior movimentação até Callao, próximo a Lima. Nessa etapa, a missão capturou embarcações espanholas, acumulando prêmios de guerra, antes de seguir rumo à Ásia.

No relato, a Ilha Grande, hoje estado de São Paulo, com sua vegetação densa e fauna exótica, contrasta com a paisagem cultural das missões católicas, na qual pessoas indígenas eram submetidas a sistemas de trabalho forçado. Nesse contexto, a paisagem do Brasil é o resultado de interações entre europeus, indígenas e africanos, mediadas por interesses econômicos e estratégias de dominação. A própria presença dos corsários contribui para a construção de uma paisagem “cosmopolita”, como também demonstra o relato de William Dampier (1697), analisado em Silva, Oliveira e Dourado (2024), texto resultado de trabalho da iniciação científica da primeira autora deste artigo, no qual buscou-se identificar como as descrições de corsários-viajantes articulam os elementos da natureza com a ocupação colonial.

Como Dampier, ou mesmo Crusoé, Woodes Rogers representa esse sujeito da modernidade colonial: um homem do mar que se constrói na travessia, na conquista e na escrita. Embora nomeado corsário, uma forma le-



galizada de pirataria com respaldo da Coroa, Rogers exerce funções que vão além do combate naval. Ele negocia, observa, registra. Rogers está profundamente implicado na construção simbólica dos territórios ultramarinos: ao escrever sobre as paisagens da América portuguesa, ajuda a consolidar um imaginário europeu sobre o Brasil como espaço de interesse estratégico, cultural e econômico. Em *A Cruising Voyage Round the World*, Rogers descreve missões religiosas, interações com comerciantes portugueses, e o cotidiano dos habitantes locais e de pessoas sequestradas de África, criando um Brasil marcado pela tensão entre civilização e barbárie.

As pessoas indígenas, em seu relato, são retratadas ora como dóceis e passivas, ora como indolentes e atrasadas. Por vezes, elas são vistas como parte da paisagem, às vezes descritas como preguiçosas, outras vezes como selvagens. Mas sempre de modo exotizante: “Tanto homens quanto mulheres andam nus, com os cabelos compridos; porém, os homens arrancam os do topo da cabeça” (Rogers, 1732, p. 46, tradução nossa)<sup>6</sup>. Ao descrever as relações entre pessoas, espaços e práticas sociais, Rogers não apenas observa um território estrangeiro, como também o interpreta e o traduz de acordo com as referências culturais e políticas de seu tempo. Como ele afirma:

Isso é tudo o que posso afirmar com base na minha própria Observação sobre este País, que foi Descoberto primeiro pelo famoso Américo Vespúcio, no Ano de 1500, quando o chamou de Santa Cruz; mas os Portugueses, depois, o Nomearam *Brazile*, por causa da Madeira Vermelha desse nome que cresce aqui (Rogers, 1732, p. 39, tradução nossa, grifo nosso)<sup>7</sup>.

Nesse fragmento, Rogers articula a observação pessoal com uma narrativa histórica que legitima a presença colonial, inscrevendo o Brasil dentro de uma cronologia europeia. Além disso, Hall lembra que “estas imagens são uma forma de degradação ritualizada. Por outro lado, algumas representações, mesmo estereotipadas, são idealizadas e sentimentalizadas em vez de degradantes” (Hall, 2016, p. 172). Assim, a cena descrita por Rogers pode ser lida como um gesto de exotização ambígua: por um lado, reduz a cultura indígena a uma prática curiosa e caricata; por outro, atribui-lhe um valor de acolhimento e ritualidade que reforça sua condição de espetáculo para o olhar europeu. Já a comparação moral se evidencia na forma como

<sup>6</sup> “Both Sexes go quite naked, and wear their Hair long; but the Men pluck theirs off on the Crown.”

<sup>7</sup> “This is all I can affirm from my own Observation concerning this Country, which was discover’d first by the famous Americus Vespucius, Anno 1500. when he call’d it Santa Cruz; but the Portuguese afterwards nam’d it Brazile, from the red Wood of that name which grows here.”



Rogers categoriza os povos indígenas. A nudez, a ausência de mercadorias europeias e a falta de familiaridade com a língua espanhola são tomadas como sinais inequívocos de atraso e selvajaria: “Por estarem totalmente nus, sem qualquer indício de mercadorias europeias, nem sequer uma palavra em espanhol, concluímos que eram apenas selvagens” (Rogers, 1732, p. 208, tradução nossa)<sup>8</sup>.

As pessoas negras, de modo similar, também são representadas na obra de forma ambivalente. Em um episódio, Rogers afirma que ofereceu liberdade a 35 homens negros capturados de embarcações espanholas, caso se comportassem bem em combate: “[...] 32 deles imediatamente prometeram manter-se firmes tanto quanto o melhor dos Ingleses, e pediram que fossem treinados no uso de armas” (Rogers, 1732, p. 20, tradução nossa)<sup>9</sup>. Esse gesto aparente de benevolência está inscrito em uma lógica de controle: a liberdade é uma concessão condicional, não um direito. Em outras passagens, pessoas negras aparecem como habitantes empobrecidos, como no caso da ilha frequentada na temporada de pesca de tartarugas, onde “são em sua maioria Negros e Mulatos, e muito pobres” (Rogers, 1732, p. 24, tradução nossa)<sup>10</sup>. Essa variação revela um olhar que nunca reconhece os sujeitos africanos como agentes plenos, mas sempre como mão de obra, ameaça ou sombra do projeto colonial instituído no território.

A representação dos portugueses também é marcada por ambiguidades. Em algumas passagens, os portugueses são retratados como cortesês e civilizados, como no encontro com Raphael de Silva Lagos, apresentado como governador da Capitania da Bahia, que os convida a assistir a uma procissão: “dissemos que nossa religião diferia muito da dele” (Rogers, 1732, p. 32, tradução nossa)<sup>11</sup>. De qualquer forma, a cordialidade não apaga a distância cultural e religiosa que separa ingleses protestantes e portugueses católicos. Em outras passagens, o retrato é claramente cru: Rogers afirma que “os portugueses mataram tantos [indígenas] que eles passaram a odiar perfeitamente essa nação [Portugal]” (Rogers, 1732, p. 42, tradução nossa)<sup>12</sup>, o trecho revela como os povos indígenas, vítimas diretas da violência, desenvolveram afetos profundos contra os colonizadores.

<sup>8</sup> “being stark naked, without the least sign of European goods, nor one word of Spanish, we concluded them to be mere savages.”

<sup>9</sup> “[...] 32 of them immediately promised to stand to it as long as the best Englishman, and desired they might be improved in the use of arms.”

<sup>10</sup> “the most part Negroes and Mulattoes, and very poor.”

<sup>11</sup> “we told him our Religion differ’d very much from his.”

<sup>12</sup> “the Portuguese cut off such multitudes of ‘em, that they perfectly hate that Nation.”



Por fim, há momentos em que os portugueses surgem como peças estratégicas nas relações comerciais e logísticas dos ingleses, como ao tentar contratar um piloto: “tratamos bem o português e lhe demos um pequeno presente, esperando que influenciasse as pessoas a agilizar nossos negócios” (Rogers, 1732, p. 282, tradução nossa)<sup>13</sup>. Assim, eles oscilam entre aliados úteis e agentes de um colonialismo decadente, sendo posicionados em uma hierarquia simbólica inferior à dos ingleses, mas ainda acima dos povos colonizados. Essas representações revelam a paisagem como um espaço vívido, no qual as relações humanas, sejam elas de trabalho, poder, dominação e resistência, são fundamentais para a constituição de sentidos econômicos, morais e estratégicos. Conforme as descrições dos elementos humanos vão se adensando, surge uma paisagem cosmopolita e cruel, atravessada por lógicas de subalternização e verticalização do humano que colocam o inglês no topo da pirâmide social.

Desse modo, Rogers desempenha um papel ativo na construção simbólica dos territórios coloniais. Ao descrever as paisagens da América portuguesa, ele contribui para a consolidação de um imaginário europeu que enxerga o Brasil como espaço estratégico, exótico e economicamente promissor. Sua atuação não se limita à observação, mas envolve escolhas narrativas que moldam a realidade em função de seus interesses econômicos. Nesse sentido, a análise de Silva, Oliveira e Dourado (2024, p. 128) ajuda a iluminar esse processo, ao afirmar que “Dampier [assim como Rogers] ocupa a posição de tradutor de um mundo desconhecido para um leitor britânico que permaneceu em casa, o que implica no uso de estratégias e na construção de uma narrativa, através de saberes compartilhados, que seja interpretável para seu público”. Essa estratégia catalográfica traduz o humano segundo valores ingleses, construindo, assim, uma ponte entre a observação empírica e o espaço colonial instituído. Esteticamente, portanto, a paisagem é construída a partir de uma lógica eurocêntrica que hierarquiza a diferença, apresentando o “outro” como exótico, primitivo ou inferior. Como aponta Mary Louise Pratt (2007), os relatos de viagem funcionam como “textos de domesticação”, nos quais o mundo não europeu é sistematizado, descrito e tornado legível para o público metropolitano.

O país aparece como fonte de recursos e ponto estratégico na rota das riquezas. Ainda segundo o autor: “O País tornou-se agora muito Populoso, e as Pessoas apreciam bastante o uso de Armas, especialmente na região das Minas de Ouro, para onde convergem Pessoas de todos os Tipos, mas

<sup>13</sup> “we made much of the Portuguese, and gave him a small Present, hoping he would influence the People to dispatch our Business.”



principalmente Negros e Mulatos”<sup>14</sup> (Rogers, 1732, p. 39, tradução nossa)<sup>15</sup>. A menção ao uso de armas não deve ser lida como algo neutro. Essa descrição revela como a paisagem vai sendo construída a partir de uma ordem violenta e exploratória. A paisagem, nesse contexto, não se limita ao relevo ou às construções materiais; ela incorpora os mecanismos de poder que a marcaram e regulam a vida em função da economia colonial.

Em síntese, a leitura da obra de Rogers evidencia que a paisagem não é apenas um cenário natural contemplado pelo olhar, mas sobretudo um espaço socialmente produzido, atravessado por hierarquias e práticas de poder. Ao destacar os elementos humanos – indígenas, africanos, portugueses e o seu papel homem inglês –, a narrativa organiza a diferença segundo uma lógica colonial que legitima a centralidade inglesa e relega os demais a posições subalternas. Assim, a paisagem descrita assume um caráter relacional, no qual natureza e cultura se entrelaçam para dar forma a um imaginário eurocêntrico que projeta o Brasil como espaço de exploração, dominação e exotização. Nesse sentido, mais do que representar, Rogers constrói a paisagem colonial, instaurando uma visão que, ao domesticar o outro, consolida as bases simbólicas de uma geopolítica do olhar britânico.

### Listar, medir, apropriar: a lógica inventariante da paisagem em Rogers

O século XVIII foi marcado pela expansão das viagens científicas e comerciais, e os relatos produzidos nesse período obedeciam a certos modelos narrativos e descritivos. Rogers escreve num estilo que mistura observação empírica, impressões pessoais e uma linguagem voltada para a curiosidade europeia. Nesse sentido, sua escrita se aproxima da lógica do inventário. Segundo o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis*, inventário significa, entre outros sentidos, “elaboração minuciosa; registro, relação, rol” (Michaelis, 2025). É exatamente isso que a obra de Rogers realiza: um registro sistemático das riquezas naturais, dos produtos e das características do território, transformando a paisagem em um catálogo de bens potencialmente exploráveis. Essa dimensão de inventário e apropriação simbólica se conecta diretamente com a crítica de Mary Louise Pratt sobre o gênero do relato de viagem. Para a autora, há uma prevalência dos “esquemas classificatórios da história natural em

<sup>14</sup> Optamos por preservar, nesta e em outras passagens, a capitalização original de certos substantivos, como *Country*, *People*, *Arms*, *Gold Mines*, *Negroes* e *Molattoes*, conforme aparecem no inglês do século XVIII. Esse uso gráfico não é apenas uma convenção da época, mas também revela o que o autor enfatizava ou hierarquizava em sua narrativa.

<sup>15</sup> The Country is now become very populous, and the People delight much in Arms, especially about the Gold Mines, where those of all sorts resort, but mostly Negroes and Molattoes.



relação aos saberes camponeses vernáculos que buscavam deslocar” (Pratt, 2007, p. 19, tradução nossa)<sup>16</sup>. Em outros termos, os relatos coloniais não registram apenas paisagens; eles as constroem como espaços colonizáveis, impondo uma narrativa em que a natureza se torna recurso e o território, objeto de controle. Esse é o dispositivo encontrado em Woodes Rogers.

Muitas vezes, Rogers inicia seu relato pelo mar (a travessia), depois observa a costa (as montanhas, as vilas) e finalmente descreve o interior. Essa estrutura sugere uma progressão do desconhecido ao conhecido, do selvagem ao civilizado, como se o espaço natural precisasse ser gradualmente “revelado” e conquistado. Em um trecho da obra, Rogers afirma que: “O Produto do *Brazile*<sup>17</sup> [*sic*] é bem conhecido por ser Pau-Brasil, Açúcares, Ouro, Tabaco, Óleo de Baleia, Rapé e vários tipos de Drogas [substâncias medicinais]”<sup>18</sup> (Rogers, 1732, p. 39, tradução nossa). É possível observar que sua enumeração funciona como uma estratégia de inventário e comodificação. Assim, o autor transforma a paisagem em catálogo de bens a serem explorados; a paisagem perde seu aspecto de vivências e memórias e passa a ser representada, sobretudo, como uma fonte de recursos inesgotáveis. Ademais, a oscilação na escrita do nome do Brasil indica uma instabilidade simbólica: o país ainda não era concebido como uma nação, mas como um espaço colonial em disputa. A forma “*Brazile*” aponta para essa indefinição, ao mesmo tempo geográfica, política e epistemológica que marca a construção imaginária do território nas narrativas europeias. Essa instabilidade também se evidencia em outras obras do período, como nos relatos de William Dampier e na ficção de Robinson Crusóé, revelando que o “Brasil” narrado para o público inglês era menos uma realidade consolidada e mais um espaço projetado, instável e sujeito a múltiplas interpretações.

O mar e as terras “desconhecidas” surgem como territórios marcados não apenas por desafios naturais, mas por estratégias de dominação, alianças instáveis e conflitos internos, inclusive entre os próprios corsários. Rogers relata que “o capitão Dover e outros estavam perturbados; eu não estava com eles, mas decidi agir em parceria, conforme o Acordo firmado” (Rogers, 1732, p. 157, tradução nossa)<sup>19</sup>. A experiência de disputas e tensões no interior da

<sup>16</sup> I consider the classificatory schemes of natural history in relation to the vernacular peasant knowledges they sought to displace.

<sup>17</sup> Mantivemos a grafia “*Brazile*” com [*sic*] para preservar a forma original empregada por Rogers. No inglês do século XVIII, era comum o uso instável de grafias para nomes estrangeiros, refletindo incertezas sobre o território em questão.

<sup>18</sup> The Product of *Brazile* is well known to be Red Wood, Sugars, Gold, Tobacco, Whale-Oil, Snuff, and several sorts of Drugs.

<sup>19</sup> Capt. Dover and others; being discompos’d I was not with them, but resolved to act in consortship, according to their Agreement.



própria tripulação nos ajuda a entender por que sua escrita aparece carregada de instabilidade: Rogers projeta na paisagem os mesmos conflitos que vivia em sua jornada. Anne Cauquelin (2007) contribui para essa análise ao afirmar que a natureza, em si, não é paisagem: ela só se torna paisagem quando é interpretada e valorizada por meio de práticas culturais. Isso inclui desde mapas e desenhos até os próprios relatos escritos, que reinterpretem o espaço e lhe atribuem significados. Como afirma Luchiari (2011, p. 13), “quando tomada pelo indivíduo, a paisagem é forma e aparência. Seu verdadeiro conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história”. Ou seja, a paisagem brasileira descrita por Rogers é um espaço simbólico, atravessado por práticas de apropriação, exploração e dominação, como revelam os fragmentos supracitados.

A obra *A Cruising Voyage Round the World* (1712) contribui para a formação de um imaginário colonial no qual o “Novo Mundo” surge como um espaço exuberante, como afirma Rogers: “Essas Ilhas [Ilha Grande] parecia elevada, fértil e agradável, e a maior delas tinha cerca de 50 Léguas de comprimento” (Rogers, 1732, p. 49, tradução nossa)<sup>20</sup>. A capitalização peculiar de termos como Léguas reforça o olhar estético e produtivo que Rogers projeta sobre a paisagem. Além disso, a expressão “50 Léguas” atua também como metáfora da domesticação da natureza: ao ser quantificada e traduzida segundo valores europeus, a vastidão do território é transformada em paisagem, tornada compreensível, mensurável e, portanto, colonizável. Como observa Jens Andermann (2018, p. 12, tradução nossa), em sua *Introducción de Tierras en trance: Arte y naturaleza después del paisaje*: “Toda paisagem, ainda que se suspenda e se desloque para além de seu horizonte, também aponta para o momento em que o olhar volta a coincidir com uma apreensão sensorial e afetiva da terra, um estado de presença dela e nela”<sup>21</sup>. Esse pensamento ilumina a forma como Rogers descreve as ilhas como “Altas, Fértéis e Agradáveis” e logo em seguida as mede em “50 léguas”, demonstrando que o olhar colonial oscila entre o encanto estético e a domesticação da natureza.

O território, nesse processo, deixa de ser apenas espaço natural para tornar-se paisagem inventada, pronta para ser apropriada. Ainda que de modo breve, a descrição revela um olhar que associa a paisagem a critérios estéticos, métricos e produtivos, projetando sobre ela o valor da fertilidade, da vastidão e da amenidade, atributos que legitimam seu potencial comer-

<sup>20</sup> These Islands appear'd to be high, fruitful, and pleasant, and the largest of 'em about 50 Leagues long.

<sup>21</sup> Todo paisaje, a pesar de que lo suspenda y desplace más allá de su horizonte, también gesticula hacia un momento en que la mirada volverá a coincidir con una aprehensión sensorial y afectiva de la tierra, un estado de presencia de y en ella.



cial, bem como um tamanho compreensível para o homem metropolitano inglês. Nesse sentido, a geografia transforma-se em narrativa e opera como mecanismo de ordenação visual, econômica e simbólica do espaço. O relato de Rogers insere-se, assim, em uma tradição discursiva em que o ato de descrever está intrinsecamente vinculado a formas de controle e apropriação, já que não só cataloga e codifica o que vê, mas também impõe padrões de medida que transformam o território Brasil em algo apreensível. O espaço natural deixa de ser algo meramente observado e passa a ser uma construção intelectual moldada segundo categorias do pensamento europeu, formuladas em relação aos elementos do espaço: os recursos naturais (como o solo fértil, as ilhas e os portos), os produtos de interesse econômico (pau-brasil, ouro, tabaco, óleo de baleia), a configuração social (negros, mulatos, colonos armados), os valores estéticos atribuídos ao espaço (“agradável”, “exuberante”, “selvagem”) e até mesmo os conflitos internos da própria expedição, tudo se torna paisagem. Suas descrições evidenciam uma estratégia de organização do mundo, na qual o território brasileiro é enquadrado por meio de critérios estéticos, utilitários e morais. O que está em jogo, portanto, não é apenas o conteúdo do que foi registrado, mas a maneira como esse olhar foi construído e a quais interesses ele serve. As observações de Rogers revelam menos sobre o Brasil do século XVIII e mais sobre os modos europeus de ver, representar e dominar aquilo que identificavam como “outro”.

Ao descrever a costa brasileira, por exemplo, Rogers menciona a exuberância da vegetação e a presença das “madeiras vermelhas” que se tornaram símbolo comercial do Brasil. A paisagem natural é apresentada de modo fragmentado, como um inventário de recursos, refletindo uma estética utilitária e exploratória. Em diversos trechos, o Brasil é descrito como um repositório de riquezas: “Eles possuem Bálsamo bom contra todas as Feridas. Seus Frutos, Milho e Raízes existem não só em maior Abundância, mas são tidos por muito melhores do que em qualquer outro lugar da América” (Rogers, 1732, p. 45, tradução nossa)<sup>22</sup>. A flora ganha destaque nas referências ao pau-brasil, ao tabaco e às “drogas do sertão”, enquanto a fauna é pontualmente mencionada com termos genéricos (“aves estranhas”, “animais selvagens”), reforçando o caráter de novidade e mistério.

Essa representação formal contribui para a construção de um imaginário visual pautado pela exuberância e pelo exotismo. Rogers afirma: “Eles possuem muitas Árvores com Troncos de cinco ou seis Braças de circunferência, e Estoques Inesgotáveis de Madeira de Ébano e de *Brazile*, Cacau, Tabaco,

<sup>22</sup> “They have Balm good against all Wounds. Their Fruit, Corn, and Roots, are not only in greater plenty, but much Account of the River Amazons better than any where else in America.”



Canas-de-Açúcar, Algodão [...]” (Rogers, 1732, p. 45, tradução nossa)<sup>23</sup>. A paisagem, nesse caso, é também uma narrativa visual: ela guia o olhar e impõe um ritmo à descoberta. Depois de aportar em Pernambuco e passar pela Bahia e pelo Rio de Janeiro, ele segue pela costa em direção ao norte, descrevendo os diferentes aspectos do território até alcançar a foz do Rio Amazonas:

Desde a nascente até a foz, são 800 ou 900 léguas em linha reta, mas, considerando suas curvas e meandros, chega a cerca de 1.200 [...] Há divergências entre os autores quanto a este rio ou o da Prata ser o maior, o que não pretendo aqui determinar. Os rios que nele deságuam, pela margem direita e esquerda, percorrem de 100 a 600 léguas de extensão, e suas margens são bem povoadas por multidões de pessoas de diferentes nações, **não tão bárbaras quanto as do Brasil**, nem tão polidas quanto os nativos do Peru (Rogers, 1732, p. 44-45, tradução nossa, grifo nosso)<sup>24</sup>.

Conforme propõe Anne Cauquelin (2007), a paisagem não é apenas algo que existe, mas uma forma construída para ser vista. Ou seja, ela se organiza de modo a orientar o olhar, criando um enquadramento que dá sentido àquilo que chamamos de paisagem. Ver uma paisagem implica reconhecê-la dentro de um repertório de formas, valores e referências que tornam possível sua leitura. As ambiguidades da paisagem revelam uma operação barroca do olhar colonial, que combina ornamentação, excesso e hierarquia. O Brasil é figurado como cenário de maravilhas naturais e práticas culturais “curiosas”, mas tudo isso serve a uma lógica classificatória que inferioriza o diferente ao mesmo tempo que o exhibe. Como afirma Mignolo (2003), o barroco, nas Américas, funciona como uma estética de poder, um dispositivo simbólico que disfarça relações coloniais sob a forma do espetáculo, organizando o “Novo Mundo” segundo critérios europeus de valor e visibilidade.

Na obra de Rogers, essa forma é construída por meio de práticas discursivas que traduzem a natureza em linguagem e imagem. As escolhas lexicais, a disposição das descrições e a seleção do que é digno de ser narrado revelam uma estética colonizadora, que classifica o Brasil a partir de critérios europeus de beleza, valor e utilidade. Os indígenas são avaliados pela ausência de roupas, religião ou hábitos europeus. Tudo é observado a partir de um olhar in-

<sup>23</sup> “They have many Trees of five or six fathom round in the Trunk, and inexhaustible Stores of Ebony and Brazile Wood, Cocoa, Tobacco, Sugar-Canes, Cotton [...]”

<sup>24</sup> “From the Fountain to its Mouth ’tis 8 or 900 Leagues in a direct Line, but the Windings and Turnings make it about 1200 [...] Authors differ whether this River or La Plata be the greatest, which I shall not take upon me to determine. The Rivers which run into it on the right and left, have their Courses from 100 to 600 Leagues in length, and their Banks are well inhabited by multitudes of People of different Nations, not so barbarous as those of Brazile, nor so polite as the Natives of Peru.”



interessado, que transforma a terra em recurso e o habitante em curiosidade. A análise desses aspectos formais e estéticos nos permite compreender que a paisagem brasileira, tal como aparece na obra de Rogers, não é apenas registrada, ela é produzida discursivamente. Suas descrições não refletem apenas o mundo natural, mas também os modos como esse mundo era imaginado, representado e valorizado no contexto europeu. O Brasil é inventado como um lugar de exuberância e de desordem, ao mesmo tempo fértil e ameaçador, capaz de oferecer riquezas à metrópole, mas também exigente de controle. Esse enquadramento não é neutro: ele responde a uma lógica de domesticação simbólica que organiza o espaço para justificar sua exploração material.

### Considerações finais

O estudo do relato de Woodes Rogers sobre o Brasil do século XVIII revela que a descrição do território opera como uma construção discursiva eurocêntrica que articula de forma indissociável interesses econômicos, políticos e ideológicos do colonialismo. Essa análise se concentra em como o Brasil foi inventado como paisagem simbólica, cujos elementos são lidos e explorados através de um filtro cultural europeu, conforme demonstrado em nossos achados: a invenção da paisagem se dá através de seus elementos exploráveis e de valor econômico; a indefinição do território é refletida, inclusive, na grafia do nome; o país é retratado como um entreposto comercial; a instabilidade interna reflete a instabilidade externa da geopolítica da época; a natureza exótica é vista como intrinsecamente passível de exploração; e a paisagem é fragmentada, descrita invariavelmente a partir do eurocentrismo.

Ao inserir o Brasil nas rotas globais do comércio e da navegação através de seu relato, Rogers também contribui para uma leitura geopolítica do território. As descrições dos produtos (açúcar, pau-brasil, ouro, tabaco) e das relações comerciais com a Europa reforçam a ideia de que o Brasil era uma colônia estratégica, rica em recursos e essencial para os interesses imperialistas. As trocas, negociações e conflitos relatados pelo autor evidenciam que o espaço brasileiro era, simultaneamente, local e global: o Brasil era um ponto de intersecção entre culturas, economias e poderes. Essas interações contribuem para o imaginário europeu sobre o Brasil de maneira profunda. O país aparece como um espaço de abundância natural, mas também de desordem social; um território de oportunidades, mas também de perigos. Essa ambiguidade é central para compreender como o Brasil foi construído discursivamente nos relatos de viagem do século XVIII.



A paisagem aparece como fonte inesgotável de riquezas, marcada pela abundância de recursos naturais e pela lógica da extração. No nível moral, os hábitos e costumes locais são julgados segundo critérios europeus de civilidade, religião e racionalidade, reforçando a construção do “outro” como exótico ou inferior. Já no plano estratégico, a paisagem é representada como território em disputa, onde se desenrolam jogos de poder, alianças políticas e relações diplomáticas entre diferentes impérios coloniais. Isso se evidencia, por exemplo, na forma como Rogers descreve a região das Minas de Ouro, provavelmente uma referência ao interior da capitania de Minas Gerais, marcada pela presença massiva de negros e mulatos armados, o que revela uma sociedade racializada, militarizada e voltada à extração (Rogers, 1732, p. 39).

Concluimos que a paisagem, tal como representada por Woodes Rogers, opera como uma construção discursiva que articula interesses econômicos, políticos e ideológicos do colonialismo europeu. Seu relato é parte de um projeto mais amplo de descrição, apropriação e controle do mundo “descoberto”, e as imagens do Brasil que nele se apresentam continuam influenciando, ainda que de forma transformada, modos de ver e representar o país até os dias de hoje.

## Referências

- ANDERMANN, Jens. **Tierras en trance: arte y naturaleza después del paisaje**. Santiago de Chile: Metales pesados, 2018.
- BOLSON, Jaisa Helena Gontijo. A importância da paisagem na atividade turística. **Revista Turismo (on-line)**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>. Acesso em: 3 nov. 2024.
- CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. Os Gêneros de Vida na Geografia Humana: Segundo Artigo. *In*: HAESBAERT, Rogério *et al.* (orgs.). **Vidal, Vidais: textos de Geografia Humana, Regional e Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1982. p. 59-181.
- LUCHIARI, Maria Tereza Paes. A(re)significação da paisagem no período contemporâneo. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. p. 9-28.
- MICHAELIS, 2025. **Inventário**. *In*: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/invent%C3%A1rio>. Acesso em: 19 set. 2025.



MIGNOLO, Walter. **The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization**. 2 ed. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.

PRATT, Mary Louise. Criticism in the Contact Zone. *In*: PRATT, Mary Louise **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturalism**. London: Routledge, 2007.

ROGERS, Woodes. **A Cruising Voyage round the World: first to the South-seas, thence to the East Indies, and homeward by the Cape of Good Hope**. 2 ed. London: A. Bell and B. Lintot, 1732.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Tiago; OLIVEIRA, Fernanda; DOURADO, Jamine. William Dampier: Corsário e Tradutor do Brasil. *In*: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski; SANTOS, Jocelaine Oliveira dos (orgs.). **Literatura e Criação: Perspectivas autorais, jurídicas e mítico-épicas**. 1 ed. Aracaju: Criação Editora, 2024. v. 1, p. 122-135.

